

A Arte da Guerra no Mundo Antigo e Medieval e sua influência no sistema moderno português: comentário de *A Pena de Marte*, de Rui Bebiano

Fábio Neves Luiz Laurentino ^a

Resumo: Rui Bebiano em *A pena de Marte: escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI – XVIII)* estuda o desenvolvimento de uma discursividade a propósito da problemática da guerra em Portugal entre os séculos XVI e XVIII, a partir da carência coletiva ou individual de imaginar e de organizar, no domínio conceitual, a própria prática da guerra. Entre os objetivos principais deste estudo, o autor procura definir, desde o seu início, uma busca de conexões e de sentidos que toma a atividade bélica como fenômeno histórico crucial na sociedade portuguesa, e que representa, nas palavras do autor, algo que se encontra por fazer. O presente artigo tem um objetivo mais sucinto e pragmático: levantar a discussão, atuação e bibliografia em torno da influência da Arte da Guerra no Mundo Antigo e Medieval no modo de fazer a guerra em Portugal entre os séculos XVI e XVIII, encontrado no capítulo introdutório desta obra.

Palavras-chave: História Militar, Guerra em Portugal, Rui Bebiano.

INTRODUÇÃO

É a partir de duas problemáticas que se define todo o estudo de Rui Bebiano em *A Pena de Marte: escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*: a busca

de conexões e de sentidos que toma a atividade bélica como fenômeno histórico cultural em Portugal entre os séculos XVI e XVIII, e a luta para alterar uma certa noção de progressiva decadência da “questão militar”, que em determinada altura

^a Historiador. Mestrando em História Militar pela Universidade de Lisboa..



serviu para caracterizar essa época na história de Portugal, segundo uma historiografia liberal, como forma de entendimento crítico de um período marcado pela acentuada centralização do poder político.

Todo esse estudo, explica o autor¹, é orientado não só por sua definição disciplinar na história militar, mas também no campo da história das ideias, tendo como principal foco a história do pensamento europeu, baseando-se nos escritos de Frank L. Baumer², Arthur O. Lovejoy³, Leonard Krieger⁴ e outros.

A obra é dividida em capítulos que se ocupam desde traçar um conjunto de conexões que vinculem a orientação tomada pela preparação e pela prática da guerra em Portugal (nos últimos séculos de sua história moderna); passa pelas estratégias criadas desenvolvidas no domínio político pelas formas supremas de poder que vão sendo estabelecidas; trata das formas de abordagem literária do problema da guerra que confluem na fixação de uma imagem desta por parte das expressões de pensamentos domi-

nantes e, em seus capítulos finais, uma análise de um discurso monárquico acerca da guerra na era moderna e um estudo aprofundado desta abordagem, pesquisando as linhas de forças que a literatura da arte militar desenvolveu em Portugal ao longo dos séculos XVII e XVIII.

É sabido que os estudos sobre história militar têm desenvolvido um crescente interesse por compreender os exércitos como um fenômeno de alcance social e econômico mais amplo, investigando questões relacionadas com logística, origem de recrutamento, abastecimento, impacto das guerras e outras questões. Na literatura militar, é de fundamental valor olhar para os tratados militares como fontes, para se fazer novas perguntas e questionamentos. Segundo Bermejo⁵, é a partir dos anos 2000 que autores ibéricos (dentre eles Rui Bebianno) assinalam a necessidade de investigar o que denominavam como “cultura militar”, um campo que incluía as influências que esses tratados militares poderiam ter na sociedade.



Assim, nosso compromisso neste artigo remete-se a olhar para uma bibliografia relativa à tratados militares sobre a influência do Mundo Antigo e Medieval no sistema militar moderno português, discussão contida no capítulo introdutório desta obra. É de interesse ressaltar que este breve paper trabalhará somente com o capítulo introdutório desta obra e tratará somente das questões da guerra terrestre, deixando para outro momento as reflexões da guerra no mar com suas dimensões e complexidades muito próprias.

GUERRA E HISTÓRIA EM PORTUGAL

Tendo a guerra como seu foco principal, analisa Bebiano através da consideração de Gaston Bouthoul⁶, que a violência é a grande responsável por produzir memória histórica. É neste sentido que o autor faz uma linha do tempo sobre a organização de uma memória das coisas da guerra, exemplificando como nasce e se justifica a

consagração de uma violência guerreira.

Neste ponto, Bebiano exemplifica no mundo grego a declarações de Heraclito de Éfeso de como guerra é um instrumento indispensável para a ordem providencial⁷. Em Heródoto, Tucídides ou Xenofonte, que escreveram em busca de uma explicação para conflitos que estavam próximos do seu tempo (as guerras Pérsicas e do Peloponeso) e que representaram vitórias vitais para afirmação da civilização da qual pertenciam, ou em Tito Lívio e Suetônio sobre o contexto romano, ou ainda, no período medieval, as canções de gesta, tendo como exemplo máximo a *Chanson de Roland*⁸, lembrando os atos dos companheiros de Carlos Magno. Na Renascença, mesmo na sua revolução cultural, não se alterou os fundamentos da organização de uma memória das coisas da guerra, a atividade intelectual tem como referência do heroico o passado clássico, que era ainda, em grande parte, aquele que tinha sido traçado nos campos de batalha⁹. Durante o período moder-



no, com o surgimento das academias constituídas por iniciativa régia, dá corpo a esta tendência, tornando-a “oficial” e dominante. A *Académie Française*, fundada em 1635 com apoio do cardeal Richelieu, é um instrumento importante para um conjunto de propagandistas do poder na França, por exemplo, na busca de uma assunção de soberania imperial europeia, designada para a reunificação da cristandade, a partir de uma absoluta primazia guerreira.

Segundo Bebiano, assim, a história afirmava-se como gênero literário, assumindo, nessas condições, o papel de uma espécie de cenário cultural do poder: “ao mesmo tempo que o panegirista preservava para o futuro as glórias do seu tempo, o historiador, mobilizado ao serviço dos mitos mais caros do absolutismo, fornecia encadeamento criteriosamente elaborados de um passado que deveria apresentar-se como modelar”¹⁰.

Em Portugal não será diferente. A partir dos séculos XI e XII, no contexto da Reconquista, na

segurança dos espaços conventuais¹¹, desenvolve-se uma tradição que culminará nos denominados cronicões, textos imprescindíveis para o conhecimento dos primeiros passos da história portuguesa, sendo identificada e estudada por Pierre David¹². As *Chronicon Conimbricense*, a *Chronica Gothorum*, as chamadas “pequenas crônicas” de Sant Cruz de Coimbra ou a *Crônica Geral de Espanha de 1344*, onde ocasiões de violência e guerra são marcantes, são exemplos principais¹³.

A primeiras produções historiográficas sobre os descobrimentos continuarão neste mesmo caminho: justificação para um fenômeno novo, que foram os lançamentos das campanhas do norte da África e das navegações de descobrimento, revelando, no seu essencial, relatos de guerra. Em *a Carta das Novas que vieram a El Rei nosso Senhor do Descobrimento do Preste João*¹⁴ e a *Verdadeira Informação das terras do Preste João das Índias*, de autoria do padre Francisco Álvares, em 1540, transmitem preocupação com o problema estratégi-



co em torno da presença muçulmana no espaço europeu, enquanto a *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, de Fernão Lopes¹⁵, traçam um olhar mais literário sobre a questão. Já em *o Soldado Prático*, de Diogo do Couto, ou na obra anônima *Primor e Honra da Vida Soldadesca no Estado da Índia* a intenção é mostrar o lado épico do evento, ao invés da enunciação dos eventos.

Com a fundação da Academia Real da História por D. João V (dezembro de 1720), antecessora da Academia Portuguesa da História, é “institucionalizada” a tendência da referência aos atos de guerra numa lógica global de afirmação do poder monárquico absoluto numa Europa barroca. Neste contexto, os escritos de Inácio Barbosa Machado, *Fastos políticos e militares* e *História Militar do Brasil*¹⁶ assumem uma característica de atos guerreiros orientados para um objetivo político e uma imagem de heroicidade de generais e nobres vividas nos territórios ultramarinos.

Já na segunda metade do século XVIII, com a fundação da Aca-

demia Real das Ciências (dezembro de 1779), inicia-se a procura de um maior rigor na fundamentação documental e maior diversidade analítica e temática na escrita da história, distanciada dos escritos ambiciosos anteriormente produzidos, este movimento é inspirado gradualmente pelos intelectuais do período iluminista. Mesmo assim, ainda há a permanência do reducionismo do objeto histórico voltada para fatos e datas, com o intuito de enaltecer o Estado e suas instituições com a trajetória dos seus heróis guerreiros.

A ESCRITA DA ARTE MILITAR NA EUROPA MODERNA

Segundo Bebiano, o processo de evolução da guerra do mundo Antigo e Medieval para a idade Moderna é acompanhada de um desenvolvimento de uma ampla e multifacetada literatura militar, produzida com uma discursividade autônoma, sendo ela indispensável para compreender o fenômeno bélico e o trajeto das instituições



militares, tanto em tempo de guerra como durante os anos de paz. Sobressaem dois autores que se mantiveram utilizados no mundo ocidental durante o medievo: Frontino Sexto, governador romano nas regiões britânicas, com seu *Strategematicon libri III* e; Flavius Vegetius Renatus, o consagrado Vegécio, com a conhecida obra *Epitoma rei militaris*, que se manteve no domínio da teoria da guerra por quase mil anos¹⁷.

Mesmo assim, Bebiano levanta a problemática¹⁸ do quão foram utilizados esses tratados, de fato, no campo de batalha, dada a limitada ou nula formação intelectual dos chefes militares, explicando a provável permanência desses escritos nas bibliotecas de palácios e de espaços religiosos ao final da idade Média.

É a partir de Raimondo Montecuccoli, italiano ao serviço dos Habsburgos, que entre 1640 e



Pormenor da *Crônica Geral de Espanha de 1344*.

Fonte: <http://edicionesboreal.com/libros-y-facsimiles/cronica-geral-de-espanha-de-1344/gmx-niv36-con738.htm>.



1670, escreve uma série de obras (sob influência de Maquiavel¹⁹) onde se buscava uma formulação geral da guerra com o propósito de domínio prático do assunto, citando autores do mundo antigo. Em *Trattato dela guerra*, *Zibaldone*, *Dell'arte militare*, *Delle Battaglie*, *Della guerra con Turco in Ungheria* e *Aforismi dell'arte bellica*, aponta para a necessidade de o chefe militar não ser apenas seguro com a espada, mas também como homem dotado de vasta formação cultural, cuja a formação livresca não seria apenas enfeite ou excentricidade.

Nos escritos do visconde de Turenne e Maurice de Saxe aparecem aprimoradas as ideias de Maquiavel sobre o uso da aritmética decimal, o cálculo dos espaços e da trigonometria como matérias necessárias para se fazer a guerra. Escreve Saxe sobre a necessidade da existência de um sistema militar, englobando todos os aspectos da guerra, reconhecendo a necessidade de observar as ideias militares do passado. Sobre a prática, se mostra discípulo de Montecuccoli,

insistindo na necessidade de cooperação das armas, criação de tropas ligeiras para uso em reconhecimento e perseguição ao adversário. Simpatizante da guerra indireta, teoriza sobre a possibilidade da vitória militar obtida sem necessariamente travar a batalha²⁰.

Igualmente destacada quando se fala sobre o processo de definição de um pensamento militar moderno, a obra do marquês de Puysegur, *Art de la guerre par principes et par régles*²¹, considerada como a primeira obra a propor uma teoria geral da guerra, dá real valor à observação histórica, citando Turenne, Montecuccoli, Homero, Heródoto, Xenofonte, Tucídides, Políbio, Vegécio e outros. Traz como novidade a importância da geometria em prever e regular os movimentos das tropas. Afirma Bebiano²² que esta evolução tornará imprescindível a profissionalização do militar de carreira, tornando quase inútil todo quadro militar superior que não detivesse essa espécie de conhecimento.

Já em Portugal, a origem da teoria militar nessa época perpassa



pela simples ou nula instrução dos chefes militares, era contida basicamente pelas lições colhidas através de suas próprias experiências até o reinado de D. João I. Tomará sua própria definição a partir dos “complexos histórico-geográficos”²³ do processo expansionista português, com a distribuição e presença do poderio militar português nos territórios ultramarinos. Essa produção literária está ligada nomeadamente à engenharia militar, também sobre a presença da artilharia nas fortificações coloniais e, sobretudo, destinada a formação (do ponto de vista da sua especialidade) do profissional militar²⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para a literatura militar e para o ensino aprendizagem militar português no início da idade Moderna é perceptível a presença de instituições, formais ou não, associadas ao poder do Estado, ao direito e ao uso legal da violência, que são, por sua vez, permeadas de

novas realidades e comportamentos. A instituição militar é uma realidade presente no Portugal pós-medieval. A partir de um olhar tradicionalista, vê-se a instituição como uma construção natural de uma sociedade. Sob a perspectiva progressista, a instituição nasce a partir de uma criação artificial, pensada para criar realidades ou suprir velhas deficiências. Em ambas, o desenvolvimento da escrita voltada para a vida militar é presente e fundamental, onde a guerra é entendida como justa porque é necessária à sobrevivência e a um designo maior: à Deus e o Rei.

A instituição militar não existe formalmente, mas encontra-se permeada de códigos, classes e direitos, para atingir a uma única finalidade: a afirmação política e social da nobreza. Sempre que necessário essa busca por legitimação usará de exemplos do mundo clássico para fundamentar o uso da violência, da organização social e do poder na estrutura do Estado.

Após o período importante da transformação da guerra, na chamada *revolução militar*, e das in-



vestidas marítimas dos descobrimentos, torna-se imprescindível o auxílio da literatura militar para a disciplina nas tropas e as vitórias nas campanhas, apresentando vários níveis de organização social e funcional. Seja através dos soldados profissionais ou dos dignitários locais – magistrados, vereadores ou homens bons – quando necessária à sua participação em campanhas militares numa organização efetiva da defesa territorial, em se tratando de instrução, o exemplo do mundo clássico se mostrará sempre presente em paralelo as ideias renovadoras nos tratados militares e nas memórias dos grandes generais do Portugal moderno.

BIBLIOGRAFIA

BACHRACH, Bernard S. *The Pratical Use of Vegetius: De Re Militari during the Early Middle Ages*. In: *The Historian*, no 47, 1985, pp. 239-255.

BARBUT, Marc. “*L’Art de la Guerre*” et la praxéologie mathé-

matique. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. No. 3, ano XXV, Paris, 1970, pp. 567-573.

BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990.

BEBIANO, Rui. *A Pena de Marte: a escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*. Coimbra: Minerva Coimbra, ano 2000.

BERMEJO, Saúl Martínez. *Antigua disciplina: el ejemplo romano en los tratados militares ibéricos, c. 1560-1600*. In: *Hispania*, 2014, vol. LXXIV, nº. 247, mayo-agosto, pp. 357-384.

BOUTHOU, Gaston. *Traité de polémologie: sociologie des guerres*. Paris: Payot, 1991.

DAVID, Pierre. *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1947, pp. 257-340.

GLYNN, Sean Mc. *The myths of medieval warfare*. In: *History To-*



day, vol. 44, London, 1944, pp. 28-57.

GODINHO, Vitorino Magalhães. *Dicionário de História de Portugal*, dir. de Joel Serrão, vol. V, Porto, Iniciativas Editoriais, 1975.

GREEN, V. H. H. *Renascimento e Reforma - a Europa entre 1450 e 1660*. Tradução de Cardigos dos Reis. Lisboa: Dom Quixote, 199.

GREEN, V. H. H. *A evolução dos complexos histórico-geográficos*. In: *Ensaio*, vol II, 2ª Ed., Lisboa: Sá da Costa, 1978, pp. 19-28.

GOUVEIA MONTEIRO, João. *Fernão Lopes. Texto e contexto*. Coimbra: Minerva, 1988.

GOUVEIA MONTEIRO, João; BRAGA, José Eduardo. *Vegécio: compêndio da Arte Militar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

KHAN, Charles H., em *The art and thought of Heraclitus: an edition of the fragments with translation and commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

KRIEGER, Leonard. *The Autonomy of Intellectual History*. In: *The History of Ideas: Canon and Variations*. Rochester: Rochester University Press, 1990.

LORETO, Luigi. *Per la storia militare del mondo antico. Prospettive retrospettive*. Napoli: Jovene editore, 2006.

LOVEJOY, Arthur Oncken. *The study of the History of Ideias*. In: Preston King (ed.), *The History of Ideas*. London: Croom Helm, 1983.

MACHDO, Inácio Barbosa. *História Militar do Brasil*. Manuscrito na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 848, folhas 49 e seguintes.

Marquis de Puységur. *Art de la guerre par principes et par régles*. Paris: C. A. Jombert, 1748.

MATTOSO, José. *A cultura monástica em Portugal (711-1200)*. In: *Arquivos de História da Cultura Portuguesa*. Vol. III, n 2, Lisboa, 1969.

PIMENTA, Alfredo. *Fontes Medievais da História de Portugal*, vol.



I – *Anais e crônicas*. Lisboa: Sá da Costa, 1948.

VELTMAN, Kim. *Military surveying and topography: the practical dimension of Renaissance Linear Perspective*. In: *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXVII, Coimbra, 1979, pp. 263-279.

WISMAN, Josette A. *L'Épitoma rei militaris de Vegece et sa fortune au Moyen Âge*, In: *Le Moyen Âge*, no. 85, Paris, 1979, pp. 13-31.

¹ BEBIANO, Rui. *A Pena de Marte: a escrita da guerra em Portugal e na Europa (sécs. XVI-XVIII)*. Coimbra: Minerva Coimbra, ano 2000, pp. 52.

² BAUMER, Franklin L. *O pensamento europeu moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990.

³ LOVEJOY, Arthur Oncken. *The study of the History of Ideas*. In: Preston King (ed.), *The History of Ideas*. London: Croom Helm, 1983.

⁴ KRIEGER, Leonard. *The Autonomy of Intellectual History*. In: *The History of Ideas: Canon and Variations*. Rochester: Rochester University Press, 1990.

⁵ BERMEJO, Saúl Martínez. *Antigua disciplina: el ejemplo romano en los*

tratados militares ibéricos, c. 1560-1600. In: *Hispania*, 2014, vol. LXXIV, n.º 247, mayo-agosto, pp. 357-384.

⁶ BOUTHOU, Gaston. *Traité de polémologie. Sociologie des guerres*. Paris: Payot, 1991, pp. 5.

⁷ “há de saber que a guerra é comum e a justiça é luta, e tudo se passa na luta”. Entende-se que o combate violento é a origem de todas as coisas e, por isso, separa aquelas que merecem ser livres dos que devem permanecer escravos e dependentes. In: Heraclito, *Fragments*, 53 (versão obtida a partir das traduções de Abel Jeanniére, em *La Pensée d'Heraclite d'Éphese*. Paris: Éditions Montaigne, 1959, e de Charles H. Khan, em *The art and thought of Heraclitus: an edition of the fragments with translation and commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

⁸ *A Canção de Rolando*. Edição bilingue. Lisboa: Europa-América, 1987.

⁹ BEBIANO, Rui. Op. Cit. pp. 19.

¹⁰ BEBIANO, Rui. Op. Cit. pp. 25.

¹¹ MATTOSO, José. *A cultura monástica em Portugal (711-1200)*. In: *Arquivos de História da Cultura Portuguesa*. Vol. III, n 2, Lisboa, 1969.

¹² DAVID, Pierre. *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle*. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1947, pp. 257-340.



¹³ Transcritos por Alfredo Pimenta nas *Fontes Medievais da História de Portugal*, vol. I – *Anais e crônicas*. Lisboa: Sá da Costa, 1948.

¹⁴ Ver verbete “Preste João” por Vitorino Magalhães Godinho, em *Dicionário de História de Portugal*, dir. de Joel Serrão, vol. V, Porto, Iniciativas Editoriais, 1975.

¹⁵ Ver GOUVEIA MONTEIRO, João. *Fernão Lopes. Texto e contexto*. Coimbra: Minerva, 1988.

¹⁶ Inácio Barbosa Machado, *História Militar do Brasil*. Manuscrito na Biblioteca Nacional de Lisboa, códice 848, folhas 49 e seguintes. Ver também Sebastião da Rocha Pita, *História da América Portuguesa, desde o ano de 1500 do seu descobrimento até o de 1724*. Lisboa, José António da Silva, 1730.

¹⁷ Segundo Bebiano, é perceptível, por exemplo, nas *Sentenças para a ensinância e doutrina do Príncipe D. Sebastião*, de André Rodrigues de Évora, escrita na segunda metade do século XVI, os conceitos de Vegécio. Sobre a importância de Vegécio na escrita da guerra medieval, ver Josette A. Wisman, “*L’Épitoma rei militaris de Vegèce et sa fortune au Moyen Âge*”, *Le Moyen Âge*, no. 85, Paris, 1979, pp. 13-31; Bernand S.Bachrach, “*The Pratical Use of Vegetius: De Re Militari during the Early Middle Ages*”. *The Historian*, no 47, 1985, pp. 239-

255, e Sean Mc Glynn, “*The myths of medieval warfare*”, *History Today*, vol. 44, London, 1944, pp. 28-57.

¹⁸ BEBIANO, Rui. Op. Cit. pp. 356.

¹⁹ *Arte della guerra*, de Maquiavel, “propõe” a ampla aplicação de conhecimentos para o uso militar, nomeadamente a matemática. A apresentação da aritmética decimal, do cálculo dos espaços nas operações militares e da trigonometria tem especial dedicação nos capítulos iniciais desta obra. Ver BARBUT, Marc. “*L’Art de la Guerre et la praxéologie mathématique*. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. N 3, ano XXV, Paris, 1970, pp. 567-573. Consultar também VELTMAN, Kim. *Military surveying and topography: the practical dimension of Renaissance Linear Perspective*. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol XXVII, Coimbra, 1979, pp. 263-279.

²⁰ BEBIANO, Rui. Op. Cit. pp. 365.

²¹ Marquis de Puysegur. *Art de la guerre par princes et par régles*. Paris: C. A. Jombert, 1748.

²² BEBIANO, Rui. Op. Cit. pp. 366.

²³ GODINHO, Vitorino Magalhães. *A evolução dos complexos histórico-geográficos*. In: *Ensaios*, vol II, 2ª Ed., Lisboa: Sá da Costa, 1978, pp. 19-28.

²⁴ Sobre instrução militar e os autores ver *Arte Militar Quinhentista*, separata do Boletim do Arquivo do Exército, Lisboa, 1953.